OPERATIV

Tenente-Coronel Leonardo Ramalho Rodrigues Alves, Exército Brasileiro

Esta articulação essencial recebeu dos alemães, no domínio terrestre, o nome de estratégia operacional ('operativ')

André Beaufre

A ESTRATÉGIA militar clássica deveria ser melhor conhecida", afirma Beaufre no seu clássico "Introdução à Estratégia". De fato, a variabilidade é a essência do pensamento estratégico militar, de modo que a compreensão da evolução das concepções desta ciência ou arte deve ser permanentemente revisada e cotejada diante dos revolucionários avanços na área do conhecimento humano.

Observe-se que intencionalmente se antepõe à idéia de mudança evolucionária da estratégia militar e mudança revolucionária do conhecimento humano, da mesma forma que se titubeia em apresentar a estratégia como ciência ou arte.

A primeira assertiva parece auto-evidente, uma vez que o conhecimento, a reboque da tecnologia, avança celeremente, sendo restrito o círculo de atores no cenário internacional capaz de estabelecer uma relação de curto prazo entre as possibilidades ofertadas pela ciência e a modernização ou atualização da estratégia militar.

A questão arte ou ciência é epistemológica. Beaufre ao assinalar que "é preciso, ao mesmo tempo, apoiar-se sobre a experiência passada e inventar a adaptação dessa experiência aos novos meios", sinaliza para a dualidade conceitual inerente a estratégia, pois se a "invenção" requer criatividade e liberdade, e aí se entende que se está no campo da arte, ao referir-se a "experiência" e a "aplicabilidade de meios", ele implicitamente recorre à Ciência e à Tecnologia.

O propósito da digressão é descortinar o horizonte do estudo da estratégia, nele o pensamento nunca "é", apenas "está", de modo que o "pecado capital" é o imobilismo.

Na discussão, que ora se inicia, registra-se o fato de que a bibliografia disponível para o estudioso aprofundar-se está confinada aos autores e às publicações estrangeiros.

De imediato decorre, pelo menos, uma ilação importante. A inserção, a priori, de concepções alienígenas à doutrina militar terrestre brasileira devem atentar para a ambiência total —– política, filosófica, cultural e até mesmo histórica — em que a teoria foi concebida.

À guisa de exemplo, muito recentemente, iniciou-se uma ampla e bem-vinda discussão sobre como, onde e quando formular e registrar a intenção do comandante nas ordens e nos planos de operações. No entanto, questões teóricas relevantes foram abordadas *an passant,* tais como: a intenção do comandante é um conceito operacional ou tático? Em que nível, originalmente, ele surgiu? Em qual desses níveis, ele é plenamente aplicado? É um conceito que pode ser aplicado indiferentemente para as operações terrestres, aéreas e navais? Essas, entre muitas outras questões, estimularam a produção do presente ensaio.

Ademais, cabe assinalar que constatou-se, nas revistas especializadas das forças armadas norte-americanas, o intenso debate sobre o nível operacional, o que despertou a curiosidade para o estudo das idéias dos formuladores de estratégia como Von Bülow, Jomini, Clausewitz, Napoleão, Liddel Hart, Beaufre e outros menos conhecidos, e permitiu a compreensão, certamente incompleta, das idéias adiante expostas.

De modo que a abordagem que se segue é ampla, não tendo a preocupação com a formatação doutrinária, bem como envolve a evolução do entendimento conceitual, a identificação de características e concepções particulares e reflexões sobre o estágio atual do nível operacional na doutrina militar terrestre brasileira.

Por fim, ao término destas notas introdutórias, cabe o destaque de uma percepção particular de que a estratégia, no domínio do nível operacional, foi, inicialmente, praticada por Napoleão, codificada por Jomini e Clausewitz, compreendida totalmente pelos prussianos e alemães e, atualmente, alcançou o estado d'arte com os norte-americanos.

Uma Síntese da Base Cognitiva na Filosofia e na História

Compreender exige teoria, teoria exige abstração, e abstração exige simplificação e ordenamento da realidade.

Huntington

Torna-se necessário para uma discussão que almeje um caráter científico a definição de conceitos, o orde-

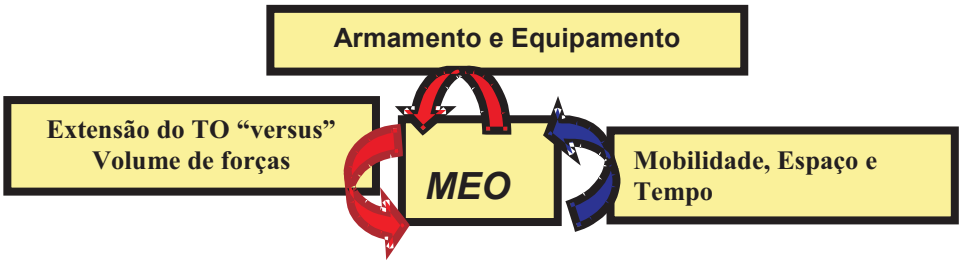


Figura 1. A evolução para concepção da manobra estratégica operacional (MEO).

namento das concepções e o estabelecimento de um método de pesquisa, entre outras coisas. Em contrapartida, reconhece-se dificuldade análoga a assinalada por Max Weber quando questionou a "objetividade" do conhecimento nas ciências sociais, extremamente dependente dos valores históricos e das concepções dos formadores de opinião.

Isto posto, destaca-se que a teoria apresentada no ensaio foi coletada de breve pesquisa histórica, a abstração foi orientada por fragmentos de conhecimento de Filosofia e a simplificação e ordenamento amparou-se no método comparativo, bem como foi redobrada a atenção para escoimar a subjetividade e as percepções decorrentes de interpretação do autor.

É possível que cause estranheza a utilização da filosofia para orientar o entendimento de conceitos operacionais militares. Embora não seja propósito sustentar a teoria de que o pensamento militar tem sólidas relações com o pensamento filosófico, uma leitura mais apurada de Clausewitz e Beaufre revelará as marcantes influências da dialética e do idealismo alemão nas obras desses renomados pensadores e estrategistas militares.

A propósito, a idealização de um conceito de "guerra absoluta", o entendimento da guerra real com "uma con-

O Mecanismo Evolutivo das Operações Terrestres Segundo Beaufre

FASES	PERÍODO	COMENTÁRIOS
Operações(Op) e batalhas distintas e independentes	Da Antigüidade até o fim do século XVII	
Op e batalhas distintas, mas ligadas.	Período Napoleônico	.... o princípio divisionário... ...as Op comandam a batalha... ...o dispositivo operacional distinto do dispositivo de batalha...
Op e batalhas confundidas	Século XIX - Guerra da Secessão e na Manchúria. - Guerra da Tríplice Aliança.	... as colunas paralelas transformam-se em frente... consagra o fracasso definitivo da manobra de envolvimento... ... a era da cinemática das operações termina...
Frente de batalha igual ao teatro de operações	I GM - Batalha do Marne	... as operações se resumem a uma pesada dinâmica de força...
A batalha prepara as operações	II GM - Invasão da Polônia e da França. - A "bliztkrieg".	...a mobilidade tática do ataque atinge, enfim, nível suficiente em relação à mobilidade estratégica das reservas... ...retoma-se a guerra de movimento... o fator movimento retoma toda a sua importância. ....a inversão estratégica (em relação ao século XVIII): a batalha precede e prepara as operações decisivas.
Frente de batalha inferior ao teatro de operações	Final do século XX - Doutrina Air-Land Batlle - Doutrina OTAN - Doutrina Delta do EB	...a batalha terrestre em grande profundidade...desenvolvendo-se em superfície, e não mais ao longo da frente... ...instabilidade estratégica muito grande...aceitar intervalos e concentrar ou estabelecer vigilâncias em largas frentes e, com isso, estabelecer pontos fortes insuficientes...
As operações preparam a batalha.	Século XXI - Guerra do Golfo - Guerra do Afeganistão - Guerra do Iraque	...a MEO prepara a batalha..que pode ocorre ou não.... ... a batalha começa com a perseguição.

Distinções pré-Clauzewitz de tática e estratégia

Von Bernhosrt	"(estratégia) é arte da marcha, e tática como a arte do combate".
Von Bülow	"(estratégia) é a ciência dos movimentos guerreiros, fora do campo de vista do inimigo, a tática no interior deste".
Jomini	"(estratégia) é a arte de direcionar massas para o teatro de operações".

tradição em si mesma" e a definição de Beaufre para estratégia como a "arte da dialética das vontades" são concepções bastante ilustradoras das assertivas acima.

Beaufre será uma referência permanente, nele buscar-se-á o fio da meada para o conhecimento e a compreensão da estratégia operacional. Antes, porém, cabe um esclarecimento. Os diversos autores e trabalhos compulsados fazem referências a nomenclaturas distintas ao tratarem da estratégia operacional. O estrategista francês refere-se constantemente a "estratégia operacional"; já as publicações americanas mencionam os termos "arte operacional" e "nível operacional"; enquanto outros autores utilizam a sigla MEO (manobra estratégica operacional) na abordagem do tema. Embora se reconheçam as distinções conceituais, opta-se daqui por diante por esta última expressão, já que a manobra, no dizer do próprio Beaufre, é o elemento dinâmico e mandatório da estratégia operacional.

De maneira geral, identifica-se a origem da MEO no século XIX com Napoleão Bonaparte. Mais adiante, com o advento da Revolução Industrial, incrementando vertiginosamente as capacidades de transporte, comando e controle e de destruição dos armamentos, redimensionando o espaço, o tempo e os meios empregados nos conflitos, configurou-se a existência objetiva deste nível distinto na arte da guerra: o operacional (figura 1).

O mecanismo de evolução apresentado a seguir está organizado a partir dos dados coletados no capítulo II – Estratégia Militar Clássica, de Introdução à Estratégia, e depois comparados e relacionados com outras fontes. Beaufre identifica 06 (seis) fases, as quais toma-se a liberdade de acrescentar mais uma, entendendo que a dinâmica doutrinária já evidencia a necessidade de atualização.

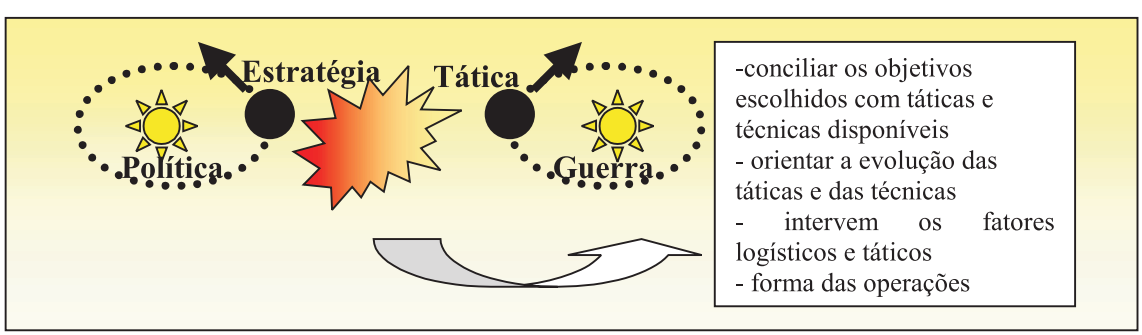
Distingue-se, observando o esquema, o surgimento de dois conceitos distintos: operações e batalha. Assim cabe identificar a diferença. Para Beaufre, a batalha é o choque; para Clausewitz, o "supremo ato de violência destinado a compelir o adversário a submeter-se à nossa vontade". Já as operações, para o francês, "é o conjunto de disposições e de manobras" que devem levar à batalha nas condições mais favoráveis. No entanto, o prussiano não identificou formalmente algo além da batalha ou dito de outra forma uma manobra estratégica operacional.

Interessantemente, esta diferenciação já pode ser observada em von Bernhorst (1733-1814), von Bülow (?-1807) e Jomini (1779-1869), os quais distinguem na guerra os momentos de batalha e, ousa-se se expressar assim, os momentos de "não-batalha". Observe-se o quadro acima.

Nomina-se o quadro "distinções pré-Clausewitz", pois se entende que a obra do prussiano é o "ponto culminante" da evolução conceitual da MEO. Ele submete a guerra à política ao definir a estratégia como "a teoria do emprego de combates para atingir o objetivo da guerra" e restringe a tática como "a teoria do emprego da força militar em combate".

Ora, submetendo a estratégia à política e restringindo a tática ao combate, se evidencia um espaço conceitual e objetivo entre a estratégia e a tática. Acrescente-se por curiosidade que Frederico, o Grande, e os seus contemporâneos, utilizavam a expressão "campanha" para esse nível "fora do campo de vista do inimigo". Bem, neste momento de indefinições, entram em cena os prussianos.

Figura 2 – A charneira operacional traduzindo a concepção em ação



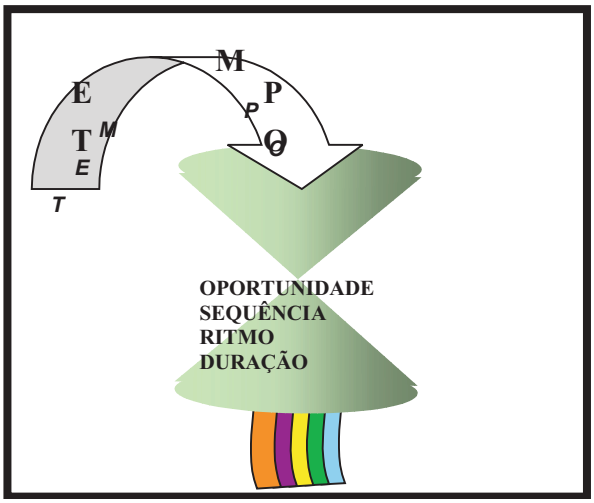


Figura 3 – O tempo e suas dimensões

Eles percebem a existência de uma charneira entre a concepção e a execução, entre o que se "quer fazer" ou "deve fazer", e o que as condições técnicas tornam possível, sendo que esta articulação essencial recebeu, no domínio militar terrestre, o nome de estratégia operacional (*operativ*).

As circunstâncias que possibilitaram esta percepção exigem análise apurada e se constitui em propósito sobremodo ambicioso para o fôlego do ensaísta. No entanto, alguns sinais do fenômeno podem ser assinalados.

Por exemplo, com exceção da Prússia, no século XIX, os corpos-de-exército foram organizados às vésperas da guerra, o que funcionava como um freio para a modernização rápida e para a capacidade da tropa e dos líderes em desempenhar operações de larga escala.

Acrescente-se que Moltke, o Velho, para garantir um adequado — e isso significava livre — exercício das idéias estratégicas, criou comandos no exército, enquanto a autoridade nas questões táticas permaneceu com os comandantes de corpos e divisões. E, por fim, em 1821, o chefe do estado-maior alemão transforma-se no mais alto assessor em questão de guerra, enquanto o ministério da guerra ficava restrito ao controle político e administrativo do Exército.

Ainda em Moltke, o Velho, observa-se o entendimento das inter-relações entre tempo e espaço que acreditava que o espaço podia ser conquistado pelo tempo, daí com freqüência se atribuir à doutrina alemã a paternidade sobre as concepções modernas sobre movimentos retrógrados.

Posteriormente, Moltke, o Moço, e Schlieffen polemizam sobre a ação de comando na MEO, o primeiro sugerindo menor interferência do comando supremo, enquanto o segundo argumentava por maior centralização.

Assim sendo, a mentalidade germânica enseja um ambiente criativo, pois percebem que a estratégia "era um sistema de expediente" *ad hoc* e, como tal, incorpora na sua essencialidade a liberdade de pensar e agir. Neste ambiente, consolidou-se a *aufragstaktik*; os modelos de MEO, a *niederwerfungstrategie* (estratégia da aniquilação), a *ermatungstrategie* (estratégia da exaustão) e a *blitzkrieg*.

O advento da 2ª Guerra Mundial caracteriza a superioridade qualitativa da MEO alemã, que atinge seu "ponto culminante, sobre os dos demais contendores, contudo isso não lhes assegura a vitória. Surpreendentemente, observar-se-á os vencedores herdando e incorporando a sua doutrina as concepções da MEO alemãs".

Aprofundando Conceitos Fundamentais

É preciso ao mesmo tempo apoiar-se sobre a experiência passada e inventar a adaptação dessa experiência aos novos meios.

André Beaufre

Tempo e espaço são idéias constantemente referenciadas pelos grandes capitães e estudiosos da estratégia. Napoleão refere-se a estratégia como "a arte de servir-se do tempo e do espaço"; Beaufre, utiliza a expressão "eixo de coordenadas" para aludir as duas idéias; Liddel Hart assinala que tempo é fator; e, finalmente, encontram-se referências norte-americanas afirmando que "o tempo é mais que um meio é uma arma em si mesma."

Aqui se retoma a Filosofia como auxiliar no entendimento operacional para tempo e espaço. Bem, utiliza-se adrede o léxico "idéia" para referir-se a tempo e a espaço, sustentando-se no filósofo David Hume (1711-1776) para quem ambos são impressões do pensamento e raciocínio, ou, em Kant, que os entende como modos de apreensão da realidade. O conceito empregado no ensaio orienta-se pelo enfoque do escocês que concluí que ambos — tempo e espaço — "são decorrências da experiência e dos sentidos e podem ser percebidos por uma outra idéia: a dimensão".

E com essa premissa metafísica salta-se para concepção do autor argentino Roberto L. Petrusio para o tempo. Ele, em amplo trabalho para o Instituto de Publicaciones Navales, relaciona quatro manifestações para o tempo (figura 3).

Em resumo, o tempo-oportunidade é binário, refere-se a fazer ou não fazer algo; o seqüência é a ordem que se sucedem fases ou ações conexas entre si; o ritmo diz respeito a rapidez da sucessão de ações; a duração é o tempo expressado tomando base unidades estabelecidas, horas, dias,etc.

No contexto desta abordagem, curiosamente se registra que Clausewitz destaca uma importante diferença

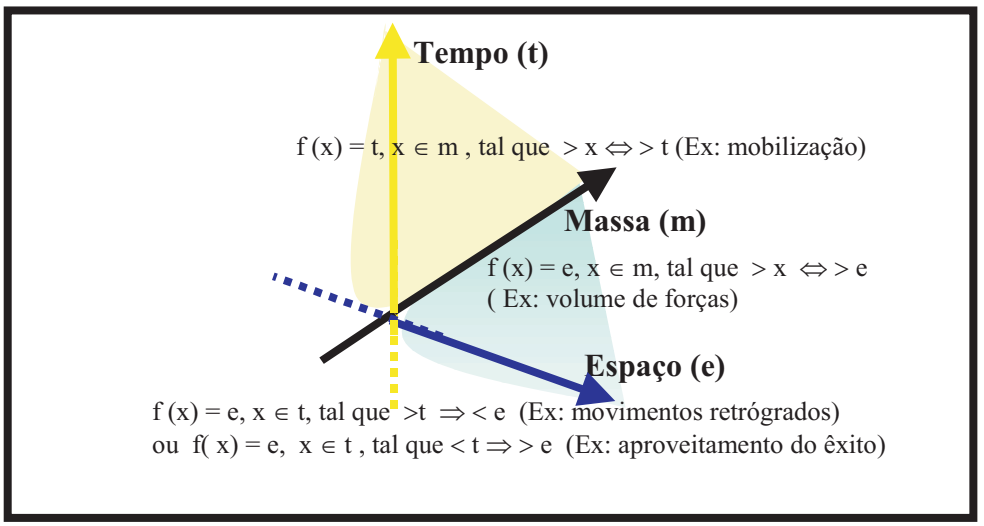


Figura 4 – Uma visão ampliada dos eixos de coordenadas de Beaufre para a MEO

de temporalidade entre tática e estratégia, identificando na primeira o uso continuado de força, enquanto, na segunda, caracterizando a simultaneidade do emprego de forças.

Prosseguindo, outro conceito relacionado a MEO deve ser incorporado a discussão. Beaufre chama de "quantidade de forças materiais e morais" e o autor argentino antes mencionado denomina "massa". Prefere-se este entendimento e busca-se uma interação entre os conceitos fundamentais da MEO, por intermédio de uma representação gráfica (figura 4) e expressões matemáticas, como um recurso de metalinguagem para robustecer a argumentação.

Observe-se que podem ser relacionadas, utilizando-se expressão matemática, as dimensões do tempo com massa. Tome-se, por exemplo, a mobilização de meios que depende estritamente do tempo-duração, bem como asseverar que o tempo-oportunidade pode potencializar o "efeito massa", desde que o oponente seja surpreendido por uma ação antecipada.

O tempo-ritmo e o tempo-duração podem ser acelerados ou reduzidos, consoante as características do espaço. Ademais, os já mencionados movimentos retrógrados materializam soberbamente a relação entre as dimensões, uma vez que se efetivam na transformação de espaço em tempo por uma massa menor face uma maior. Já em uma operação de aproveitamento do êxito ou perseguição, dá-se exatamente o oposto, o tempo-ritmo é acelerado para "consumir o espaço" do oponente.

Quanto às interações de espaço e massa, pode-se ilustrar com a determinação do "volume de forças",

Conceitos operacionais na doutrina americana e da OTAN

Conceito	Observações
Centro de Gravidade(COG)	É um conceito "clausewitzniano". Curiosamente, os manuais compulsados estendem o conceito para os níveis tático, operacional e estratégico.
Ponto Decisivo	Guarda semelhanças com o conceito de acidente capital, mas é mais abrangente, pois o ponto decisivo não se limita a acidentes geográficos.
Aproximação direta e indireta	É uma aplicação de Clausewitz e Liddel Hart, respectivamente..
Linha de operações	Grosso modo, é um conceito da " doutrina geométrica", expressão utilizada por Beaufre; a ele estão associados as concepções de manobra concêntrica e de linhas interiores.
Ponto Culminante	É um conceito "clausewitzniano". Tem conteúdo temporal e depende sobremodo da experiência e sensibilidade do comandante.
Tempo	Estão relacionados com as dimensões do tempo já discutidas
Pausa operacional	
Fase	
Planos básicos, de contingência e subseqüentes.	São necessidades decorrentes da grande variabilidade a que está sujeita a MEO. O processo de planejamento militar(PPM) utilizada pela Marinha do Brasil e o MD33-M-05 – Manual de PPM incorpora esta terminologia .

Capítulo	Assunto	Número de Folhas	Tópico
1	Estratégia	24	Estratégia Geral Histórico
2	Estratégia Militar	13	Estratégia Militar
3	Estudo Estratégico de Área	07	Estratégia Geral Metodologia da ESG
4	Planejamento Estratégico Militar	10	Estratégia Militar Metodologia da ESG
5	Estratégia Operacional	08	Estratégia Operacional

A distribuição de assuntos na IP 124-1

conceito eminentemente operacional, a ser alocado para determinada operação.

Enfim, todas estas especulações perseguem um único propósito que é verter a reflexão em ação. Dessa forma, especulações filosóficas à parte, o estudo dos "eixos de coordenadas" da MEO permite estabelecer integrações pertinentes aos estudos de situação do decisor estratégico operacional. E mais ainda retomar o conceito norte-americano de que "o tempo é mais que um meio é uma arma em si mesma".

Abordagens Contemporâneas

A adoção da arte operacional pelo Exército (americano) é talvez a mudança mais importante na doutrina (americana) desde o final da 2ª GM.

Military Review

Modernos conceitos operacionais na doutrina americana. As modernas abordagens sobre a MEO são encontradas na doutrina militar americana. Segundo eles, é na MEO que as campanhas e operações principais são planejadas, conduzidas e apoiadas para atingirem obetivos estratégicos dentro do teatro de operações ou áreas de operações. Acrescente-se que é na MEO que a cooperação entre forças torna-se um imperativo.

A observação da Doutrina *Air-Land Battle*, baseada em quatro princípios — iniciativa, agilidade, profundidade e sincronização — desenvolvida na década de 80, inclui definitivamente o conceito do nível operacional da guerra na doutrina militar americana. Atente-se que os princípios estão inextricavelmente ligados as idéias de tempo, espaço e massa.

Tome-se por exemplo a iniciativa. O que é a iniciativa? É a capacidade de ameaçar primeiro, segundo concepção coletada em *Military Review*. Ora a idéia de "ameaçar primeiro" contém a idéia "tempo", neste caso relaciona-se com tempo-oportunidade.

Dito isso, apresentam-se alguns entendimentos compulsados em manual da OTAN e norte-americano,

Figura 5. Uma visão sintética das interações estratégia, MEO e tática

Obs: PR – Presidente da República; EMCS: Estado-Maior do Comando Supremo; EMD- Estado-Maior de Defesa

os quais indubitavelmente são originários no conceito "ônibus" *operativ*. Desses, alguns poucos já estão sendo incorporados à doutrina militar brasileira (Doutrina Delta), embora tal procedimento não tenha sido acompanhada, fora do âmbito acadêmico, por profundas reflexões, à semelhança do ocorrido do Exército norte-americano.

Na verdade, embora o pesquisador possa se deleitar na busca das "causas primeiras" das formulações da MEO entre os pensadores prussianos e alemães ou na

[Os prussianos] percebem a existência de uma charneira entre a concepção e a execução, entre o que se "quer fazer" ou "deve fazer", e o que as condições técnicas tornam possível, sendo que esta articulação essencial recebeu, no domínio militar terrestre, o nome de estratégia operacional (operativ).

leitura sobre Napoleão e Frederico, o Grande, a aplicação prática da teoria deverá ser procurada na doutrina norte-americana.

A MEO na Doutrina Militar Brasileira. Indubitavelmente, a IP 124-1. Instruções Provisórias. — Estratégia (1993) foi o primeiro documento doutrinário que mais pode esclarecer sobre o entendimento formal do nível operacional no Exército brasileiro. Existem outros, como o C 124-1 (2001), que apresenta acréscimos importantes, mas com a dimensão da abordagem ainda reduzida, bem como o C 100-5 — Operações, que apenas transcreve o supramencionado manual.

No entanto, do estudo da IP observa-se uma distribuição de capítulos claramente com prevalência do enfoque estratégico sobre o operacional. Na verdade, os capítulos de número 01 a 04 são adaptações do método de planejamento da Escola Superior de Guerra ao nível militar. A IP apresenta três idéias forças sobre MEO :

• "… parte integrante do escalonamento da guerra..."

• "...centro da tríade hierárquica de termos...tem, por necessidade, uma certa ambigüidade..."

• "...caracterizando-se, assim, o terceiro nível da estratégia...conduzida preponderantemente no Teatro de Operações..."

Inicialmente, ressalta-se que considerações como "escalonamento da guerra", "tríade hierárquica de termos" e "ambigüidade" são expressões vagas que poderiam ser substituídas por abordagens mais específicas sobre ciência, filosofia e arte da guerra.

A MEO, na IP, é entendida como "a arte de deslocar, desdobrar, preparar e empregar Forças do teatro de operações (TO), visando a alcançar, nas melhores condições, os objetivos fixados pela estratégia militar adotada." Dessa forma identifica-se um nível operacional para o TO e um nível operacional terrestre. Vale dizer, um combinado e ou outro singular.

Ainda cabe a reflexão de que a MEO é apresentada a partir de suas manifestações externas, como as ações a empreender, a caracterização de tipos e formas de manobra e condições de faseamento, o que revela insuficiência ou dificuldade para apreender o fenômeno em sua totalidade. De fato, o manual não é analítico, talvez não devesse ser, mas, sim, meramente descritivo.

Bem, os manuais do Ministério da Defesa fazem "tabula rasa" do nível operacional. O manual MD 33-M-04 (Doutrina), não menciona ou não reconhece a existência formal de um nível operacional ou de uma arte operacional. Vale destacar trechos esclarecedores de sua natureza estratégica:

• Na seção 4 do capítulo VI — DAS FORÇAS ARMADAS, aborda as áreas de responsabilidade, identificando um TO na qual se realizariam "as operações militares de grande vulto".

• Na seção seguinte, que versa sobre comandos operacionais assinala os diversos que integram a Estrutura Militar de Guerra, ao quais cabe "a execução da campanha militar e demais ações militares".

• Na seção 6 — Classificação das Operações Militares, quanto às forças empregadas, menciona o emprego combinado e, em seguida, surpreendentemente, assinala que quanto à natureza as operações podem ser estratégicas e táticas.

É evidente que "operações militares de grande vulto", "campanha militar" e "emprego combinado" dizem respeito a MEO, de modo que há inexplicavelmente uma lacuna doutrinária.

Isto posto, cabem algumas considerações:

• Nas forças armadas brasileiras quem é ou são os formuladores da doutrina operacional? Aonde ela deverá ser expressa?

• Existe uma doutrina operacional singular e uma doutrina operacional combinada?

• Não há necessidade de tratar as operações combinados dentro de um contexto conceitual e doutrinário mais amplo e envolvente: a manobra operacional?

Conclusões

A discussão temática pode ser aprofundada, de modo a permitir o aperfeiçoamento dos conceitos e práticas da doutrina militar brasileira no nível operacional, observadas as idiossincrasias da cultura e da história que moldaram a formação do pensamento militar nacional.

Outra questão proposta refere-se a qual elemento na

atual estrutura militar brasileira cabe a elaboração da doutrina no nível operacional, de vez que os comandos combinados, por excelência, representam as estruturas adequadas para a elaboração de teorias e otimização das práticas nesse nível, mas que, no entanto, não são previstos na atual estrutura Exército brasileiro, desde o tempo de paz.

Decorre daí o questionamento: não caberia ao Estado-Maior de Defesa, coadjuvado pelos estados-maiores singulares, a tomada de iniciativa para elaborar, refletir e orientar a aplicação dos conceitos operacionais nas Forças Armadas brasileiras?

Naturalmente, a compreensão de uma questão multifacetada como esta requer uma abordagem parcimoniosa. Isto é irretorquível. Acontece que as mesmas sensibilidades interferiam no processo de integração das forças armadas norte-americanas até o advento da Emenda Goldwater-Nichols de 1986, quando, então, os interesses corporativos sucumbiram diante da vontade mandatória do componente político.

Outra curiosidade é que do estudo dos comandos operacionais de mais alto nível das três forças singulares da estrutura militar brasileira – o Comando de Operações Navais (CON), o Comando de Operações Terrestres (COTER) e o Comando de Defesa Aeroespacial (COMDABRA) — emerge a discussão sobre o controle no nível operacional: dirigir ou comandar? Moltke ou Schlieffen? Esta aí uma vetusta discussão em aberto. Particularmente, tem-se a convicção que a solução da Força Aérea e Marinha é a melhor.

Por último, busca-se a síntese das concepções registradas ao longo do ensaio, de modo esquemático, assinalando-se o enquadramento da MEO e sua interação com a estratégia militar e a tática. É evidente que o esquema tende a ser reducionista, decorrendo daí a necessidade de alguns comentários.

Entende-se que a doutrina e as concepções da MEO devem se estender, e isto significa responsabilidade no planejamento, no preparo e na execução, desde o MD, por intermédio do Estado-Maior de Defesa (EMD), até o nível tático, dos grandes comandos e unidades das Forças Singulares. Também acredita-se que não se concebe a MEO singular, consoante depreendeu-se da leitura do manual MD 33-M-04.

No que diz respeito a natureza dos objetivos, apropria-se da concepção de Clausewitz, ou seja, identificam-se objetivos da (ou para a) guerra, assinalados pela política e, se for o caso, vertidos para o nível estratégico militar; e objetivos de guerra, abrangendo os operacionais e táticos.

Os primeiros constam de Diretrizes de Planejamento Militar (DPM), ou apresenta-se como sugestão: Diretrizes de Planejamento Estratégico Militar (DPEM), os outros estão assinalados nos planos de campanha e planos operacionais singulares.

A MEO deve constar em planos de campanha e desdobram-se em esforço, operação e ação. O esforço, eminentemente combinado, é conduzido em direções estratégicas de atuação (DEA) por grandes comandos operacionais e, eventualmente, por grandes unidades.

Já a operação e a ação são conduzidas por grandes unidades em direções táticas de atuação, sendo a primeira, necessariamente, combinada, enquanto a segunda pode ser singular..

A sistematização é um esforço comum nas ciências, tanto quanto na doutrina, *lato sensu*, visa ao entendimento comum de conceitos e procedimentos dentro de áreas específicas do conhecimento humano. Isto posto, reconhece-se a temeridade de resumir as idéias e percepções sobre a MEO no esquema adrede. No entanto, a motivação e a inspiração para correr-se tal risco podem ser encontradas nesta citação final compulsada de Introdução à Estratégia:

"...toda inovação constitui um risco maior, mas toda rotina está antecipadamente votada ao fracasso..." ***MR***

Referências

1. Beuafre, André. Introdução à estratégia; tradução de Luiz Alencar Araripe. – Rio de Janeiro: Editora do Exército Ed., 1998.
2. Defarges, Philippe Moureau. Problemas Estratégicos Contemporâneos; tradução de Luiz de Alencar Araripe. – Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 1999.
3. Estado-Maior do Exército. C 124-1 – Estratégia. 2001
4. ----------. IP 124-1 – Estratégia.2001
5. ----------. C 100-5 – Operações. 1997
6. Holborn, Hajo A escola germano-prussiana. Moltke e a Ascensão do Estado do Estado-Maior. In Os construtores da Estratégia Moderna. De Maquiavel à Era Nuclear. Tomo 1. BIBLIEX.Rio de Janeiro. 2001.
7. Pertusio, Roberto L. El tiempo conforme a sus diversas acepciones. In Estrategia Operacional. 2ª edición.. Instituto de Publicaciones Navales. Buenos Aires, Argentina. 2000.
8. McCormick, Michael. Novo Manual FM 100-5: O Retorno à Arte Operacional. – EUA: Military Review. 1º trimestre, 1998.
9. Rothenberg, Gunther E. Moltke e Schlieffen. Doutrina do Envolvimento Estratégico.. In Os construtores da Estratégia Moderna. De Maquiavel à Era Nuclear. Tomo 1. BIBLIEX.Rio de Janeiro. 2001.
10. Luvaas, Jay. Frederico . o Grande e a arte da guerra ; tradução do inglês por) Joubert de Oliviera Brízida: – Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 2001.

O Tenente-Coronel Leonardo Ramalho Rodrigues Alves serve atualmente como comandante do 4º Regimento de Carros de Combate em Rosário do Sul, Rio Grande do Sul. Cursou a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e a Escola Superior de Guerra, sendo graduado do Curso de Estado-Maior de Defesa. Possui também Curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.